

## O LAZER NA PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA

Alessandro R. P. Tomasi<sup>1</sup>

Belo Horizonte, MG, Brasil

**RESUMO:** No Brasil, a produção de cervejas artesanais teve início nos anos de 1990, acompanhando um movimento americano e de partes da Europa (como a Inglaterra, por exemplo) denominado 'Renascimento da Cerveja' (*The Craft Beer Renaissance*, no original). Este estudo, de características etnográficas, teve como objetivo descrever os sentidos do lazer para cervejeiros caseiros. O lazer foi tratado neste estudo como ocupação, a partir do referencial proposto pelo núcleo de conhecimento da terapia ocupacional e; como um fenômeno social, a partir do referencial materialista histórico dialético. A produção de cerveja caseira foi relatada pelos cervejeiros como um lazer diferenciado em suas vidas, pois permitem a estes sujeitos vivenciar a sua práxis, além de fazerem como sujeitos.

**Palavras-chave:** Lazer. Cerveja. Produção de cerveja caseira. Terapia ocupacional.

### THE LEISURE IN CRAFTBREWING

**ABSTRACT:** In Brazil, craftbrewing started at 90s, at the same time with USA and Europe movement (as England, for example), named The Craft Beer Renaissance. This study, with ethnographic characteristics, has as objective to describe the meanings of leisure for craft brewers. Leisure, in the research, has been understood as an occupation, as proposed by occupational therapy knowledge core and as a social phenomenon since dialectical historical materialism referential. Homebrewing has been reported by the brewers as a different leisure in their lives, because allow them to live their praxis and build themselves as subjects.

**Keywords:** Leisure. Beer. Craftbrewing. Occupational therapy.

### EL OCIO EM LA PRODUCCIÓN DE CERVEZA CASERA

**RESUMEN:** En Brasil, la producción de cerveza comenzó en los años de 1990, al mismo tiempo que en América e Europa (en Inglaterra, por ejemplo) con un movimiento llamado El Renacimiento de la Cerveza (*The Craft Beer Renaissance*, en el original). Este estudio etnográfico tuvo como objetivo describir los significados del ocio para los cerveceros caseros. Ocio fue tratado en este estudio como ocupación, en base de la referencia propuesta por el núcleo de conocimiento de terapia ocupacional y; como fenómeno social, basado en el

---

<sup>1</sup>Terapeuta Ocupacional. Doutor em Estudos do Lazer. E-mail: [arp.tomasi@gmail.com](mailto:arp.tomasi@gmail.com)

referencial dialéctico histórico materialista. La producción de cerveza casera fue reportada por los cerveceros como un ocio diferenciado en sus vidas, porque permiten que estos sujetos experimenten su praxis, además de convertirse en sujetos activos.

**Palabras-clave:** Ocio. Cerveza. Producción de cerveza casera. Terapia ocupacional.

## Introdução

No Brasil, a produção de cervejas artesanais teve início nos anos de 1990, acompanhando um movimento americano e de partes da Europa (como a Inglaterra, por exemplo) denominado 'Renascimento da Cerveja' (*The Craft Beer Renaissance*, no original), bem como o movimento *Slow Food*. A partir daquela época, foi possível observar a abertura de inúmeras cervejarias, bem como o advento da produção caseira, bem como o número de estabelecimentos que passaram a vender as cervejas artesanais (GIORGI, 2015). Minas Gerais possui 115 cervejarias registradas no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (ABRITTA, 2019)

O movimento *Slow Food*, iniciado em 1986 na Itália, parte da premissa de que as pessoas têm o direito a uma alimentação de qualidade, com produtos artesanais, que respeitam o meio ambiente e os produtores, e não a obrigação de consumir um produto padronizado. Outro aspecto que chama a atenção neste movimento está no fato de que o importante é o processo de alimentação e produção não é algo individual, havendo o chamamento para a coprodução<sup>2</sup> (SLOW FOOD, 2007; OLIVEIRA, 2013), ou seja, a proposta é que os sujeitos sejam corresponsáveis pela relação produção/consumo.

Esta relação é particularmente significativa para compreender a relação entre lazer e produção de cerveja caseira, pois o consumo de cervejas artesanais parte exatamente dessa mesma premissa. Neste sentido, peço licença ao leitor para adiantar um aspecto sobre a construção do texto: durante o processo da pesquisa foi possível conversar com uma série de sujeitos que se engajam na produção de cerveja caseira (embora muitos deles não tenham sido 'participantes oficiais' do estudo). Um dos principais apontamentos destes sujeitos esteve no fato de que não gostariam mais de consumir as cervejas de grandes marcas comerciais, justamente por não terem certeza dos insumos utilizados na produção e suas origens, por não seguirem determinados parâmetros de produção qualificados como importantes para estes sujeitos e, principalmente, relacionado à questão da padronização (elemento fordista na produção cervejeira).

---

<sup>2</sup> Embora o Manifesto, documento central do Slow Food, não pretenda atribuir a responsabilidade da coprodução em outros aspectos, é claro no texto que este ponto em específico é algo significativo para o fundador. Ora, na medida em que o movimento é um contraponto à forma de organização social (pelo viés da alimentação), nada mais coerente do que o chamamento para práticas mais coletivas e corresponsáveis (como contraponto ao sistema capitalista).

Este ponto em específico pode sugerir que a 'iniciação' na produção de cerveja caseira possui um elemento de incômodo do cervejeiro em relação a um determinado produto (a cerveja industrializada) e, concomitante, a uma certa forma de consumir este produto em si. Ora, na atual forma de organização social atual (o capitalismo), é possível que os sujeitos tenham menos tempo para investir em atividades cotidianas, desde as mais habituais como alimentar-se, por exemplo (e neste ponto os *fast foods* contribuem imensamente para a manutenção do tempo reduzido), até a vivência de seu lazer. O ser humano, como ser prático<sup>3</sup> tende, por sua vez, a colocar-se em movimento para superar os incômodos que o afligem. Nessa linha de pensamento, a produção de cerveja caseira é algo que aparece como oportunidade que viabiliza essa superação.

Para compreender a ideia por trás deste mundo *fast*, recorro a três conceitos apresentados por Oliveira e Freitas (2008) sobre os *fast food*: 1) é um modelo industrial, de características fordistas; 2) é marcado pela eficiência, padronização, velocidade e impessoalidade e; 3) "Modelo de comer, baseado em tomadas ou ingestões não estruturadas, que se opõe às regras tradicionais da comensalidade, está assentada no comer à mesa as típicas refeições ainda predominantes na cultura brasileira" (OLIVEIRA; FREITAS, 2008 p.243).

Embora abordem a questão a partir de diferentes perspectivas, há um elemento central nestas três definições: a centralidade do tempo. É o tempo, para o mundo *fast*, que determina a forma como os indivíduos se alimentam, se locomovem, trabalham. De fato, o tempo investido neste mundo *fast* com atividades não produtivas, é um tempo perdido. Não pretendo afirmar que o tempo com o lazer é algo improdutivo ou que o tempo de trabalho é produtivo e nem pretendo esgotar a discussão. Da mesma forma, não pretendo aqui discutir os conceitos que permeiam. No entanto, cabe adiantar o entendimento sobre a questão do lazer que será adotado neste texto: como terapeuta ocupacional, tendo a compreender que o lazer é um dos elementos estruturadores do cotidiano dos sujeitos, em processos extremamente relacionados ao uso do tempo. Nesta toada, cabe citar também que as atividades de lazer vivenciadas pelos sujeitos são escolhas, fruto de processos sociais e históricos, além do desejo individual para tal.

A vivência da temporalidade na sociedade capitalista é, também, fruto de um determinado tempo e contexto histórico: os desejos e necessidade estão, desta forma, vinculados a uma série de ofertas e possibilidade nos quais estão inseridos. As atividades de lazer, por sua vez, fazem parte deste processo. Baptista (2014) analisa a questão da temporalidade na sociedade capitalista a partir da perspectiva de que, neste modo de produção, o tempo de lazer é uma das apropriações do capital: o homem, na medida em que vende a sua força de trabalho, vende também o seu tempo. Ora, pensar

---

<sup>3</sup> Parto do princípio do ser humano como ser prático considerando a minha formação como terapeuta ocupacional. A terapia ocupacional, como profissão inserida no campo da saúde, educação, cultura e social, considera o fazer do sujeito (ocupação – tema que será abordado mais adiante) no cotidiano como elemento central para a estruturação da vida.

na desapropriação do tempo pelo homem, vinculada à questão do trabalho na sociedade capitalista, obriga-nos a refletir também sobre o tempo de lazer, apropriado pelo mesmo capitalismo. Neste sentido, coloca a autora que há um processo de perda de subjetividade em relação ao tempo (da mesma forma como o sujeito passa a alienar-se do seu trabalho). Esta análise, em última instância, coloca o lazer no âmbito da reprodução fordista, característica do mundo *fast*.

Nesta perspectiva, é possível inferir então que o surgimento de ações, culturas e fenômenos sociais que tracem caminhos contra hegemônicos (como as hamburguerias artesanais, brigaderias e cervejarias artesanais, para citar exemplos), são possivelmente manifestações de desejos contextuais contemporâneos, sejam como processos de enfrentamento ou como nichos de mercado em potencial. Este movimento artesanal, observado em larga escala também nas atividades de lazer<sup>4</sup>, pode estar informando sobre certo esgotamento do capitalismo e sobre a 'mesmice nossa de cada dia' que nos aliena de nós mesmos, pelo menos no que diz respeito à forma de organização de atividades de lazer.

A reflexão até aqui aponta que o capital, por um lado, vem se apropriando do tempo das pessoas e impondo certo grau de alienação em aspectos como o lazer. A padronização das coisas e atitudes, o ritmo acelerado (*fast life*), são aspectos dessa forma de organização. Por outro lado, existe uma corrente que faz uma crítica a esta forma de organização e vem se debruçando em propor uma ideia que preza por uma vida mais devagar (*slow life*), mais prazerosa e amena. Di Stefano (2014) apresenta essa diferença a partir do referencial de estilos de vida: enquanto na *fast life* preza-se pela evolução tecnológica, a eficiência produtiva, o imediatismo, a *slow life* preza pela qualidade, o prazer, uma nova forma de relacionar-se com o próprio corpo, o empoderamento do sujeito e, principalmente, o inverso da produção em larga escala. Segundo o autor, o movimento precursor que aborda essa dicotomia é o Movimento *Slow Food*.

A produção de cerveja caseira pode ser observada como ocupação (prática de lazer) e como um fenômeno social. Como ocupação, contribui na organização da vida dos indivíduos, atribuindo sentidos e significados, construindo senso de competência e participação a partir de ações no cotidiano. Como fenômeno social, pode ser resultado de um contraponto a um sistema centrado na individualidade, na produção em massa e na estandardização da vida.

A cerveja artesanal, e a caseira ainda mais, são produtos que permitem ao cervejeiro fazer-se enquanto faz, ou seja, os sujeitos constroem e exercitam a sua práxis na mesma medida em que desenvolvem e executam a receita da cerveja a qual estão produzindo. Neste sentido, a cerveja caseira assume um lugar do qual é possível afirmar

---

<sup>4</sup> Cito aqui o caso do lazer, obviamente por ser onde esta pesquisa se desenvolve. No entanto, é um fenômeno que pode ser observado em diferentes contextos, como forma de retomada de vida, em algum sentido, no qual (acredito) que uma parcela da população venha sentindo gradativamente a necessidade de pensar e refletir mais sobre a sua vida e sua práxis e de se (re)construir como sujeito ativo no cotidiano.

que é um produto também da consciência do cervejeiro. Ora, o sujeito, na medida em que se faz na sua prática e na sua práxis, também altera o mundo (ao menos o que o cerca), construindo inclusive aspectos da cultura<sup>5</sup>.

Outra possibilidade em relação à cerveja caseira relaciona-se ao consumo: ao propor uma forma alternativa de produção, baseado no sistema *Slow*, beber cerveja ganharia um novo significado, ou seja, não é destinado a embriagar-se, mas sim a abrir possibilidades de experimentação de novos sabores e, desta forma, assumir uma máxima apontada pelos cervejeiros: 'beba menos, beba melhor'.

Dadas estas considerações iniciais, este texto tem como objetivo apresentar parcialmente os resultados da tese de doutorado intitulada "Da panela ao copo: a produção de cerveja caseira como prática de lazer", defendida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer em outubro de 2018.

### Aspectos metodológicos do estudo

Para a composição deste estudo, foi realizado um estudo de campo, classificação justificada a partir da coleta de dados. Operacionalmente, optou-se pela observação participante, como método, sendo a entrevista semiestruturada e o diário de campo os instrumentos de coleta de dados. A observação participante é um dos métodos mais comuns das pesquisas antropológicas, na qual o pesquisador é parte integrante da realidade pesquisada e, ao fazer parte desta realidade, o é permitido observar a vida dos pesquisados, *in loco* (MINAYO, 2010).

A coleta de dados teve início logo após a aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP/UFMG<sup>6</sup>. A elaboração do diário de campo foi feita a partir do acompanhamento de momentos de produção de cerveja (estes momentos são denominados, pelos cervejeiros, como brassagens) bem como do início de produção própria. Foi avaliada a importância da aproximação, tanto do cervejeiro quanto da produção de cerveja, a fim de imergir e compreender o objeto de estudo de forma aprofundada. Para tanto, foram estabelecidos contatos iniciais com cervejeiros caseiros que já faziam parte do círculo de amizade íntima de um dos pesquisadores, bem como indicações feitas por terceiros. Foram acompanhadas quatro brassagens, a partir de novembro de 2016, além das próprias brassagens realizadas em casa a partir do ano de 2017, em um total de 10 produções. A composição do diário de campo foi encerrada em julho de 2017, quando constatou-se a repetição sistemática das informações.

As entrevistas somaram um total de oito e ocorreram em locais e horários acordados com os cervejeiros. As entrevistas foram cessadas no momento em que foi percebida a saturação dos dados. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, para que a integridade dos dados fosse mantida. Os dados das entrevistas foram

<sup>5</sup> Tomasi e Fortes (2019) indicam em seu trabalho que os cervejeiros podem ser configurados como grupo e, ainda, que existem elementos culturais que permeiam as ações deste grupo.

<sup>6</sup> Parecer nº 1.617.798, de 30 de junho de 2016.

sistematizados em instrumento elaborado pelo pesquisador e alocados em unidades de significados, conforme proposto por Minayo (2010). Os trechos de falas apresentados ao longo deste texto foram relativos à relação da produção de cerveja e o lazer. No sentido de nortear a leitura, cada cervejeiro recebeu a denominação 'C' seguida de um número (ex.: C1; C2 e etc.) e as falas do pesquisador nomeadas com 'P'. Para que se seguisse a cláusula de confidencialidade, foi apresentado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A análise dos dados foi feita de forma descritiva<sup>7</sup> e a partir de referenciais teóricos selecionados *a posteriori* para discutir os achados da pesquisa, a partir das falas dos sujeitos e anotações do diário de campo.

### Resultados e discussão: sobre a produção de cerveja e as interfaces com o lazer

Em relação à percepção dos sujeitos sobre a produção de cerveja como prática de lazer, foi possível observar algumas convergências de discurso: essas práticas são consideradas lazeres: por não serem obrigatórias; por ocorrerem fora do tempo de trabalho formal<sup>8</sup>; por ocorrerem em companhia de pessoas do círculo íntimo dos cervejeiros ou quando estes estão sozinhos e usam o tempo para organização de pensamentos; por possibilitarem reflexões e planejamento da vida e; por ser uma atividade que desenvolve a práxis dos sujeitos, ou seja, é capaz de colocar os cervejeiros em uma atividade não alienante e não estranhada pelos sujeitos e que permite alavancar o processo criativo e criador destes. Estes temas serão abordados na sequência.

### Lazer, ocupação e sociabilidade

Diário de campo (25/03/2017): Água na temperatura correta, malte moído, começamos a brassar. Essa é uma parte do processo que sempre me traz alegria. Parece que é um momento no qual toda a concentração e atenção ficam focadas em manter a temperatura, mexer o mosto e extrair açúcar e, conseqüentemente, a 'vida lá fora' e seus problemas, tomam uma proporção menor. Naquele momento, é tudo para aquela ação. Percebo que isso acontece com os cervejeiros: as conversas continuam, mas em menor frequência; há claramente momentos de reflexão dos sujeitos enquanto mexem a pá cervejeira na panela; é uma espécie de transe. E assim foi por uma hora inteira, com avaliações com iodo, medições de temperatura e tomando cerveja. Eu e o R. cuidando da panela, o G. em um entra e sai da

<sup>7</sup> Como será possível perceber na leitura, por vezes terminologias associadas ao materialismo histórico dialético ou ao núcleo de conhecimento da terapia ocupacional serão utilizados (p.ex.: alienação, trabalho, ocupação). No entanto, esclareço de antemão que as categorias de análise foram apenas as identificadas após a leitura exaustiva das transcrições e dos textos que compuseram o diário de campo e as entrevistas e não as grandes categorias como trabalho e lazer.

<sup>8</sup> Obrigações aqui são colocadas como atividades que devem ser executadas no cotidiano doméstico, excluindo as atividades de trabalho. Estas atividades, de acordo com a Associação Americana de Terapia Ocupacional - AOTA (2014), podem ser divididas em Atividades da Vida Diária (AVDs), que são ações direcionadas para o próprio indivíduo no cuidado com o seu corpo e; Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs), que são atividades de apoio à vida e que podem ocorrer dentro de casa ou no território.

cozinha [...]. Entendi, naquele momento, que a coisa estava acontecendo do jeito que tinha que acontecer: um momento de lazer, vivenciado por confrades em torno de um objeto comum. O silêncio, que quando estamos entre desconhecidos é algo constrangedor, não foi uma leitura percebida. As reflexões pessoais, por vezes ditas, foram sempre ouvidas com respeito. As brincadeiras, comuns entre amigos, aconteceram constantemente, sem constrangimentos.

Os apontamentos sobre este ponto em específico, referentes à anotação no diário de campo giraram em torno, principalmente, de que a atividade de produção de cerveja sempre ocorria em momentos de descontração, nos quais os sujeitos estavam relaxados, momentos onde era possível fazer reflexões sobre o cotidiano (mesmo que do trabalho), pela possibilidade de sentir prazer com uma ação específica. Em terapia ocupacional, meu núcleo de formação, a ocupação é compreendida como uma atividade central na vida dos sujeitos, contribuem na construção de significado da vida e no senso de competência. Ainda, são atividades desenvolvidas a partir da construção da história dos sujeitos, conectadas a um determinado contexto e cultura (AOTA, 2014).

Então, a princípio, é possível afirmar que a ocupação é uma forma de ação. Esta ação, no entanto, não é simplificada a ponto de simplesmente ser executada. É uma ação complexa, na medida em que diferentes aspectos devem ser considerados: do planejamento à execução de tarefas; do desejo ao cumprimento de metas; do significado atribuído ao processo ao senso de competência e produtividade (HAGEDORN, 2007). Além disso, a ocupação faz parte de um processo histórico, que compreende não apenas a história de vida individual, mas coletiva dos sujeitos, de tempos passados e presentes, inclusive contribuindo na determinação da própria construção histórica dos sujeitos (KIELHOFNER, 2006).

Morrison *et al.* (2017), em estudo sobre a compreensão do termo ocupação, apresentam duas possibilidades de análise: 1) na perspectiva prática do comportamento humano, o qual será utilizado como referência neste texto e; 2) como objeto de estudo. Neste último, a análise é caracterizada pela reflexão conceitual do objeto (neste caso, a ocupação em si), os conceitos que fazem parte da conformação do objeto e as influências de linhas de pensamento que influenciam na prática profissional. Neste sentido, o conceito de ocupação pode contribuir para compreender aspectos do lazer como atividade central e organizadora de rotina.

Mesmo que em nenhuma das entrevistas tenha sido identificado que a produção de cerveja é algo cultural, o que poderia caracterizar o nexos cultural da ocupação, conforme já citado anteriormente, é uma atividade na qual os sujeitos se engajam e que está repleta de sentidos e significados, que auxilia na organização da vida, conforme o trecho de entrevista abaixo.

P: e você considera que você faz por uma prática de lazer?

C1: Sim, porque eu fazia cerveja em um momento que eu destinava para mim. Eu até utilizava desse momento para colocar a cabeça no lugar, pensar

na semana, planejar a semana e organizar. Usava esse momento para também ter um espaço próprio, pessoal e que me conforta, porque eu me sinto bem fazendo cerveja. E aproveito também para escutar minha música, fazer pequenas anotações de coisas que eu leio e que eu penso, porque o meu processo de criação está na cerveja.

A fala apresentada é corroborada pelas observações anotadas no diário de campo. Mesmo para os sujeitos que já vem investindo na produção de cerveja para venda, a atividade acaba acontecendo nos tempos em que os sujeitos não estão trabalhando (isso porque a venda da própria cerveja, aos cervejeiros que vendiam a produção, não era a atividade de trabalho principal).

Neste ponto, vale uma reflexão sobre o que é ou não é uma atividade de lazer: o fato, simplesmente, de não ser um horário de trabalho, não é necessariamente o que torna a produção de cerveja uma prática de lazer, embora seja marcado para os sujeitos entrevistados que a produção cervejeira não é a ocupação central para ganhos financeiros. Neste caso especificamente, embora a produção de cerveja possa ter alguma relação com o trabalho, é importante considerar que não era a atividade de trabalho principal e, ainda, que essa mesma atividade foi de livre escolha daquelas pessoas. No entanto, não é inviável que estes sujeitos sintam prazer em uma atividade de trabalho. Inclusive seria desejável que os sujeitos sentissem prazer na sua atividade de trabalho e, ainda, que se envolvam plenamente na atividade, afim de que seja uma prática emancipadora.

À exceção de uma resposta, os achados da pesquisa indicaram que a produção caseira destinou-se sempre a um momento de não trabalho, onde não há obrigação da realização da atividade (mesmo que as brassagens fossem previamente combinadas e agendadas ou que haja, como em um dos casos narrados, um estatuto que regule o funcionamento de uma produção cervejeira coletiva, como foi o caso de um dos participantes), mas sim um engajamento intencional, movido pelo desejo de estar e participar da atividade, o que confirma a dicotomia lazer versus trabalho, apontada anteriormente.

Embora a produção de cerveja não tenha sido considerada um trabalho neste estudo, produzir cerveja é uma atividade extremamente trabalhosa, conforme apresentado no trecho abaixo:

Devo admitir que essa atividade é realmente trabalhosa: são horas e horas em frente ao fogão, cuidando meticulosamente da panela, da temperatura da água, buscando por receitas, assistindo vídeos e conversando com outros cervejeiros sobre os processos, insumos e materiais. São deslocamentos intermináveis até as lojas de insumo, bastante tempo gasto escrevendo e anotando as experiências. Por outro lado, a hora de fazer a cerveja é algo mágico: assistir a transformação de um grão em uma bebida, a ansiedade inerente ao processo do processo de fermentação, a carbonatação<sup>9</sup> na sequência, saber que você e seus amigos mais próximos vão consumir uma

<sup>9</sup> N.A.: Processo de gerar gás na cerveja.

bebida totalmente artesanal, que possui os parâmetros de cor, sabor e odor definidos por você, é uma sensação ótima. Quando a brassagem tem a participação de amigos, há também a possibilidade de interação, de conversas e brincadeiras, o que torna o momento agradável de uma outra forma. Este ponto será abordado mais adiante (TOMASI, 2018, p.40-41).

Outra questão apontada pelos entrevistados diz respeito à socialização. O grupo, à exceção de um dos entrevistados, apontou que percebe o momento da brassagem como uma possibilidade de socialização, de estar entre amigos. Esse apontamento foi possível perceber, também, durante o acompanhamento das brassagens. Em apenas uma das brassagens o cervejeiro iria fazer (e afirma preferir) produzir a sua cerveja sozinho, por considerar que é uma atividade na qual ele se permite pensar e refletir sobre demais ações e compromisso do seu cotidiano.

C4: é muito mais [divertido fazer cerveja com amigos] e eu não tenho dúvida de que é muito mais. E aí eu vou voltar um pouco para falar desse amigo meu que já morreu, porque essa pergunta que você fez era muito parecida com as perguntas que ele me fazia: 'vamos fazer um churrasco e receber um monte de gente que a gente não conhece e ser só mais um churrasco ou vamos fazer um churrasco só nós e a gente curtir o que a gente gosta de escutar as músicas que a gente gosta e fazer um som, tocar uma música do Iron Maiden todinha ou vamos colocar uma música no som e chamar um monte de gente?' era preciso escolher. Fazer um churrasco só entre amigos e tocar mesmo que não fosse para ninguém ouvir, só pra gente era muito mais transformador [...] Isso é muito mais transformador tanto para mim quanto para as pessoas com as quais eu vivi muito tempo, com meus amigos e com meu filho e que eu gostaria também que se divertisse como eu nesse momento.

Nas brassagens foi possível perceber um estreitamento de laços de amizade, conversas sinceras sobre assuntos diversos, dos mais corriqueiros aos mais íntimos, certamente impulsionados pela relação que se estabelecia ou já estabelecida, mas também mediada pela produção cervejeira. Este último ponto é interessante, na medida em que permite constatar o caráter de ocupação da prática de lazer: ao possuir nexos relacionais, o lazer pensado como ocupação torna-se elemento central da existência e, portanto, mediador das relações individuais e coletivas do sujeito com o mundo.

C6: Então eu acho que tem essa coisa de além do lazer, era de estar perto dele e criando alguma coisa com meu pai. Eu peguei isso aqui agora, eu nunca nem tinha pensado nisso... então talvez o lazer melhor era estar perto dele, estar com ele e produzindo alguma coisa com ele. Acho que era isso mesmo.

A produção de cerveja, neste caso, pode ser colocada como importante fator mediador da relação, seja ela uma nova amizade ou a retomada ou manutenção de uma relação parental, como foi a centralidade de um dos relatos: na ocasião, o entrevistado relatou que ao iniciar a produção de cerveja, retomou e estreitou a relação com seu pai.

## A produção de cerveja caseira e os outros lazeres dos cervejeiros

Ao comparar a produção de cerveja e as outras práticas de lazer, o que foi relatado é que esses outros lazeres diferem tanto em relação à prática em si quanto à essência da atividade. Sobre as práticas em si, os relatos indicam ações que os próprios sujeitos identificaram como 'prontas' quando comparadas à produção de cerveja, como um encontro com amigos para assistir jogos de futebol, uma ida ao shopping, uma caminhada ou uma leitura.

Sobre a essência, o que foi indicado é que esses lazeres não possuem o elemento da construção e do processo criativo, em contraponto ao momento da brassagem, com exceção de um dos entrevistados, que indicou procurar atividades de lazer que tragam sensações próximas às da produção de cerveja.

Talvez, a materialidade do processo de produção de cerveja seja o principal diferencial em relação às demais práticas de lazer destes cervejeiros, além da capacidade de se colocar como ator principal neste processo. Pensar o lazer, ou suas diferenças a partir da concretude da ação em si, é algo que os cervejeiros apontam como fator importante para continuar vivenciando a atividade. Neste sentido, não pretendo aqui apontar que um lazer é melhor ou pior que outro. Pelo contrário, é possível conceber que cada um destes lazeres possua sentido atribuído pelos sujeitos que o praticam e, inclusive, que são necessários em diferentes momentos da vida de cada um.

Considero, então, que há uma percepção individualizada de cada sujeito sobre as suas práticas de lazer. Explico: na mesma medida em que um cervejeiro caseiro compreende o seu lazer como edificador, porque percebe um certo fazer no processo como algo significativo para sua existência, um sujeito que tem como lazer a prática esportiva, a novela, o shopping (citados como lazeres prontos pelos entrevistados) pode ter exatamente essa mesma compreensão. Dito isso, é possível afirmar que a atividade, por ela mesma, é apenas uma atividade. A atribuição de sentido, dada a construção simbólica e histórica daquela atividade específica pelo sujeito, é que vai dizer de fato sobre o potencial edificador ou não ou, ainda, se determinada atividade é lazer ou não. Desta forma, embora o exemplo abaixo, traduzido em um excerto de fala, seja (obviamente) relacionado à produção de cerveja, seria cabível a quaisquer outras vivências.

C1: Comparada às minhas outras atividades de lazer, a cerveja se materializa, se torna uma coisa concreta. [...] cerveja você cria, é processo de criação. Tudo bem que você tem uma receita ali, mas nada impede de você... nada te garante que você vai dar conta da receita exata. [...] É algo para eu depois utilizar e usufruir e ter uma relação social com as pessoas que vão tomar cerveja comigo, vou distribuir vou dar e etc. Mas eu não me preocupo tanto com esses detalhamentos técnicos. Então o que acho mais legal é que você cria. É como se você fosse desafiado a produzir algo que sabe o resultado, mas que você não chega a esse resultado exato, e pode ser até que você possa incrementar o resultado. Quando você coloca uma

especiaria na cerveja [...]. Na hora de comprar os seus insumos você escuta uma dica de uma pessoa que usou um malte adicional, você coloca a aveia na cerveja (que eu gosto muito) para ela ficar mais cremosa. Então tudo é legal e você não sabe qual vai ser o resultado, mas que vai ser algo que você criou e que vai ser possível de você degustar como apreciador de bebidas, e que você pode inovar.

### Lazer e praxis

Escrevi anteriormente sobre a noção de ocupação: atividade na qual o sujeito se engaja, intrinsecamente motivada, que gera senso de competência, enraizada em determinada cultura. Cabe, no entanto, explorar o conceito de atividade inserido na ocupação, na medida em que pode ser considerada uma fração ou um componente desta. Para tal abordaremos brevemente a noção de atividade, conforme proposto por Vázquez (1977).

Assumirei, inicialmente, que atividade essencialmente humana é aquela na qual os sujeitos produzem algo de forma consciente. Essa produção, no entanto, difere da atividade biológica na medida em que possui como elemento central a teleologia. Ainda, a atividade pode ser dividida em dois elementos: o ideal e o real. No primeiro, há projeção do resultado esperado, ou projeção do produto. No segundo, há a concretude do produto (que pode este ser concreto ou abstrato - no caso de uma produção intelectual, por exemplo) (VÁZQUEZ, 1977).

Aplicando essa reflexão na produção de cerveja caseira, temos que, enquanto prática de lazer, é uma atividade essencialmente humana (a partir da perspectiva marxista de atividade humana). Analisando as etapas da atividade, teríamos: a concepção do estilo, o desenho da receita, a brassagem, a fermentação, a maturação, o envase, a refermentação. Ora, estas etapas são concebidas inicialmente em um formato no qual o cervejeiro, já na concepção do estilo, idealiza a cor, o cheiro, o teor alcoólico, o sabor. Durante o processo de produção, o produto deste ideal vai ganhando corpo e sendo construído, até o produto real: a cerveja.

Ainda, é possível observar que a produção de cerveja (a despeito da cerveja em si), é uma atividade na qual os sujeitos planejam demais aspectos contextuais, como convidar amigos ou não, a música que vai ouvir, a organização do espaço. Desta forma, é possível admitir que a produção de cerveja supera a cerveja em si, sendo determinada por fatores contextuais<sup>10</sup> sob duas perspectivas: a do sujeito e a do contexto. Essa reflexão é importante para pensar o lazer na perspectiva da práxis, exercício que me proponho a seguir.

Ao envolver-se em uma atividade de lazer, o sujeito idealiza uma ação. Essa ação possui um produto (inicialmente ideal) em um determinado contexto que é transformado pela atividade em si (e se torna real). O sujeito, neste processo, não está desconectado

<sup>10</sup> Em terapia ocupacional, os fatores contextuais são aqueles que, embora presentes no ambiente, não são observáveis, como por exemplos: costumes, histórias, relações.

do seu produto<sup>11</sup>, logo que constrói este produto e simultaneamente se constrói enquanto sujeito de ação, sendo esta a característica central da práxis transformadora. Dadas estas considerações, defendemos que a produção de cerveja caseira, para estes sujeitos, é práxis.

A atividade essencialmente humana deve ser material, real e objetiva, consciente e teleológica. A práxis, por sua vez, segue o seguinte caminho:

O objeto da atividade prática é a natureza, a sociedade ou os homens reais. A finalidade dessa atividade é a transformação real, objetiva, do mundo natural ou social para satisfazer determinada necessidade humana. E o resultado é uma nova realidade, que subsiste independentemente do sujeito ou dos sujeitos concretos que a engendraram com sua atividade subjetiva, mas que, sem dúvida, só existe pelo homem e para o homem, como ser social (VÁZQUEZ, 1977, p.194).

Para que este caminho seja trilhado, apoio-me nos elementos que compõem o processo de trabalho, conforme apresentado por Marx: a atividade teleológica, o objeto do trabalho e os meios de produção (MARX, 2013). Analisando especificamente sobre os meios de produção, elemento extra adicionado na discussão, tem-se que com os meios (ferramentas) é que o homem pode, por meio de seu trabalho, modificar a natureza e transformar sua ação ideológica em ação concreta.

Como no modo de produção capitalista o fruto do processo de trabalho (o produto) é do capitalista, que detém justamente os meios de produção e compra a força de trabalho do trabalhador, este último arrisca-se a alienar-se do seu processo de trabalho, não se reconhecendo neste (trabalho alienado), ou seja, o caráter teleológico do trabalho se desfaz e, conseqüentemente, a práxis.

Apliquemos este pensamento na produção de cerveja caseira: como atividade essencialmente humana, coexiste como ideal e real e teleológica. Como atividade transformadora da natureza, o cervejeiro utiliza ferramentas para transformação pela atividade, tendo incorporado no produto o trabalho em si. Como lazer, considerado ação central na vida do sujeito, possui relação com elementos materiais da construção histórica do cotidiano do cervejeiro, sentido atribuído e nexos culturais.

O processo criativo durante a produção de cerveja caseira teve centralidade atribuída pelos produtores na medida em que percebiam que, ao produzir a cerveja, se colocavam em larga escala no processo produtivo. O processo criativo, mesmo considerando a necessidade de seguir passos pré-definidos de produção, é um elemento central nesta atividade.

A produção de cerveja, para estes sujeitos é uma forma de, em alguma medida, expressar a criatividade no desenvolvimento das receitas. As falas, embora nem sempre de forma explícita, apontaram que estes sujeitos buscam (e conseguem quando

---

<sup>11</sup> Isso é o que Marx define como processo de alienação.

produzem cerveja), empoderar-se e apropriar-se da ação, ou seja, é possível inferir neste caso que há uma tentativa de superar certa lógica alienadora dos lazeres prontos.

Para estes sujeitos, ainda, a principal diferença entre a produção de cerveja e os lazeres prontos está no fato de que, no primeiro caso, há possibilidade de vivenciar o lazer do início ao fim, conhecendo e transformando a realidade desta prática, na mesma medida em que exercitam a sua criatividade.

C3: [...] hoje em dia se você for pensar dentro de lazer, o que vendido é a experiência. Então se você vai no shopping, você vai lá para consumir uma experiência que eles estão te propondo, como uma experiência de consumo, por exemplo. Então você vai lá para consumir e viver esse tipo de experiência. Se você vai no clube você vai consumir uma experiência tal. No caso da cerveja por mais que eles tentem te fornecer, vamos pensar em uma loja de insumos que quer te vender essa experiência, para cada um ela vai ser muito diferente, porque não tem como padronizar. Porque como é uma questão artesanal e não tem nada pronto ainda no processo, até a experiência vai ser diferente. Por exemplo: quando você vai no shopping, não que a sua experiência vai ser igual porque todas as experiências são diferentes, só que a chance de ela ser um formato bem parecido, no caso da cerveja artesanal isso muda muito a cada produção, porque você não depende só de você ali, não tem nada pronto.

No sentido teleológico da produção de cerveja, então, talvez seja necessário considerar os processos de enfrentamento ao modo de produção capitalista, alienante. Neste caminho, o sentido atribuído e comum aos que participaram da pesquisa está depositado um certo enfrentamento de uma realidade que nos empurra, constantemente, para cenários mais construídos do que a construir, no sentido da expressão praxica e criativa, para a produção e consumo em série, que nos afasta do que é essencial para os sujeitos, ou seja, os próprios sujeitos. É possível inferir que, ao se engajar na produção artesanal de cerveja, os cervejeiros se (re) constroem como sujeitos ativos do seu processo de vida (em larga medida ancorados no processo de produção em si) e passam desta forma, a assumir maior liberdade para também criar e recriar este processo de forma mais autônoma.

O cervejeiro, ao produzir cerveja, deposita no processo de produção a percepção de uma construção da sua práxis, ou seja, do seu fazer criativo. A importância deste fazer na construção histórica do sujeito está diretamente conectada com a possibilidade de se reconhecer no processo e de ter a própria identidade no produto/processo desenvolvido. Este é um contraponto importante à questão dos lazeres nos quais os sujeitos vivenciam experiências mais 'acabadas' (aquelas identificadas como lazeres prontos para os cervejeiros): o lazer que chamarei aqui de artesanal<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Chamo aqui de lazer artesanal as atividades que são consideradas lazer pelos sujeitos que a vivenciam e que, na percepção destes mesmos sujeitos, possuam algum processo reconhecidamente construtivo e prático, independente da atividade desenvolvida. Neste sentido, conforme exemplo anteriormente citado, jogar futebol, ir ao cinema ou ao *shopping*, por exemplo, podem ser considerados lazeres artesanais, desde que na percepção dos sujeitos praticantes destas atividades.

Um dos cenários percebidos durante o processo da pesquisa e também apontados pelos cervejeiros foi o fato de que, em algum momento, as pessoas intencionam começar a produzir cerveja profissionalmente para comercialização.

Talvez, nesta etapa de transição, um aspecto importante a ser mencionado seja o fato de que as receitas passam a ser replicadas sistematicamente. Se por um lado isso atende o desejo do cervejeiro em seguir um trabalho prazeroso, por outro o expõe ao risco de ceder a determinadas situações que podem suprimir este prazer, justamente por deixar de vivenciar o processo criativo por ele mesmo, que passa a atender as regras de mercado e do capital.

Ora, há que se questionar em que momento e as motivações para que essa transição ocorra, pois foi bastante corriqueira a citação, tanto de intenção quanto de concretude deste processo (certamente não é objetivo deste texto discutir de forma aprofundada este fenômeno transicional, embora há que se levar em consideração que este fenômeno também faz parte desta prática de lazer). No entanto, os sujeitos que optaram por permanecer produzindo cerveja apenas no âmbito do lazer, identificaram que esse processo de transição afeta diretamente o processo criativo, justamente pela necessidade de submeter-se à produção em série e à padronização.

O apresentado até aqui ilustra a percepção dos cervejeiros que decidiram permanecer exclusivamente na produção caseira: a convergência de percepções relaciona-se diretamente com a ideia de que a padronização de procedimentos (em relação ao processo de produção propriamente dito e em relação ao controle sanitário) suprimiria a atividade artesanal, no sentido de que a transição para o comercial seria uma perda, em alguma medida, da possibilidade que este sujeito possui de dedicar-se ao processo criativo e à construção da práxis, já que deverá atender determinadas questões de mercado (como os estilos de cerveja mais consumidos, receitas que atendam padrões de paladares que sabidamente vendem mais, para citar exemplos).

O outro apontamento disse respeito ao controle sanitário da produção, colocando esse elemento como central para o cervejeiro que deseja transicionar para o comercial. Embora os enfoques pareçam distintos, em ambos os casos a questão da padronização da produção é um elemento que permeia a preocupação dos sujeitos. Este ponto é importante, pois é possível estabelecer um paralelo com a ideia do lazer padronizado.

P: [...] será que esse lazer construtivo, em alguma medida também não é apropriado pelo sistema capitalista, e isso de alguma forma não conduz o cervejeiro de panela a se prostituir para o sistema e subverter o próprio lazer em prol do dinheiro ou do acúmulo de dinheiro? Você percebe isso como uma realidade?

C4: você acabou de fazer essa pergunta para uma 'prostituta arrependida'. [referindo-se especificamente à proposta de ofertar um curso pago de produção de cerveja artesanal].

Partindo da premissa do lazer edificador e, ainda, da ideia apresentada de lazer como ocupação, levantamos os seguintes questionamentos: seria possível pensar em um sujeito que fosse capaz de se engajar exclusivamente e em inúmeras atividades de lazer com estes sentidos atribuídos todos (devido às questões de tempo, dinheiro, energia, por exemplo)? Será que o lazer pode ser considerado como 'melhor' ou 'pior' que outro, dada sua natureza mais ou menos 'pronta'. Seria possível afirmar categoricamente que produzir cerveja causa essa sensação de emancipação para todas as pessoas que a praticam e, extrapolando este ponto, será que existe uma atividade de lazer que seja universalmente emancipadora?

É certo que responder a essas questões não é a intenção deste texto. No entanto, cabe a consideração já apresentada em discussões anteriores: o lazer é algo de percepção individual, logo podemos pensar que não há lazer 'melhor' ou 'pior'. Ele seria bom ou ruim a partir da percepção, dos gostos, da cultura e da construção histórica de um sujeito ou um coletivo de sujeitos que se engajam em determinadas atividades. Neste sentido, considerar que uma atividade de lazer seria universalmente emancipadora é, ao mesmo tempo, desconsiderar justamente o elemento que é mais central: o próprio sujeito.

### Considerações finais

Uma das hipóteses que trabalhei na pesquisa era a de que a produção de cerveja era como ocupação e como processo de enfrentamento. Esta tese foi confirmada. Posso afirmar com plena convicção que a produção de cerveja caseira é uma ocupação: é uma atividade intrinsecamente motivada, habitual aos sujeitos que a praticam e que gera senso de competência. Ainda, possui nexos culturais e é permeada de sentidos e significados para os cervejeiros. Este ponto é particularmente importante, pois ao ser também considerada uma atividade de lazer, conforme proposto por Dumazedier, possui função importante na organização da vida dos sujeitos. Como ocupação, as falas dos sujeitos indicaram que é uma prática que permite a fluidez do processo de lazer e a construção da práxis.

A produção de cerveja, neste sentido, é um lazer que permite aos sujeitos a apropriação do seu tempo e da sua produção, contraponto importante a ser colocado quando se pensa nas ações produzidas no modo de produção capitalista. Talvez de forma inconsciente, estes sujeitos se engajem de forma tão intensa na produção cervejeira justamente por ser um espaço libertador. Ao apontar, inclusive, que a produção de cerveja caseira difere dos demais lazeres inseridos no cotidiano dos cervejeiros, me permitiu refletir sobre a ideia de que é necessário estabelecer contrapontos à organização do mundo (no sentido do modo de produção capitalista), estabelecendo movimentos constantes da vida, por meio do lazer.

No entanto, se por um lado a produção de cerveja caseira é uma forma de enfrentamento de determinados cenários impostos pelo capital, por outro é importante

considerar que é, também, uma atividade que pode ser considerada burguesa, logo que para efetivá-la é necessária a associação de fatores, como tempo, dinheiro e espaço, privilégios de determinadas classes sociais<sup>13</sup>.

Este ponto foi tema de discórdia entre os entrevistados: enquanto há a percepção de que a prática é, de fato, burguesa, houve também um entendimento de que a questão financeira está atrelada à prática e, portanto, não é um limitador, mas uma característica. Os diferentes entendimentos mostram uma divergência interessante em relação à crítica sobre a produção de cerveja caseira, embora todos os cervejeiros compreendam que o investimento é alto.

Outra consideração importante está na relação entre burguesia e o enfrentamento ao capital: na mesma medida em que há possibilidade de livrar-se da alienação imposta pelo capital, este mesmo capital, de alguma forma, se apropria do lazer e, principalmente, da experiência do lazer. A questão apresentada aqui é, então, a seguinte: a produção de cerveja é, por si mesma, uma atividade que permite a superação da alienação ou um nicho de mercado potencial e, portanto, permitido pelo capital, que o sujeito se sinta livre das opressões impostas pelo sistema.

Conforme apontado por Simonetti e Petrini (2012), novos nichos de mercado (neste caso o mercado *gourmet*) sofrem apropriação do capital justamente por ser diferente do que é normalmente ofertado. O capitalismo, que incorpora inclusive os desejos dos indivíduos, se mantém em funcionamento a partir do que é diferente (neste caso, pensando o mundo *fast food* apropriando-se justamente do que é *slow*, considerando o próprio slogan - da cerveja artesanal - 'Beba menos, beba melhor'. Outros exemplos que seguem essa mesma linha podem ser identificados (empiricamente) no aumento da quantidade de hamburguerias artesanais, brigaderias, *food trucks* e *growler stations*, para citar exemplos, que vem se tornando cada vez mais comuns nas cidades.

A produção de cerveja caseira, na toada do lazer como construtor da práxis humana, tem potencial para ressignificar as práticas de lazer, principalmente no que se refere à ideia de artesanal. Como um momento de libertação, em alguns casos de si mesmos, o cervejeiro pode vivenciar o 'ser' em detrimento das inúmeras ofertas de experiências de lazer que chamamos de 'prontas'. Não coloco em patamar menor ou maior os lazeres não artesanais ou lazeres prontos, e sequer tenho a pretensão de qualificar um ou outro formato de lazer como melhor ou pior. O que destaco aqui é o fato de que ter percebido que, ao engajar-se na atividade cervejeira, os sujeitos relataram perceber processos de transformação de si mesmos e do mundo que os cerca. Neste sentido, este lazer em específico pode ser chamado de transformador, em alguma medida. Coloco nestes termos considerando a consideração anterior, sobre o lazer de classe. É certo que se considerarmos a apropriação da produção de cerveja caseira pelo

---

<sup>13</sup> Embora este ponto não tenha sido discutido ao longo do texto, foi um dos achados de pesquisa, discutido de forma aprofundada no texto da tese de doutorado.

capital, seria necessário considerar que este lazer é mais do mesmo, ou seja, seria mais uma vez os sujeitos sendo submetidos a um cenário no qual possuem pouca ou nenhuma escolha e controle sobre suas vidas, situação que não concordo plenamente. Ora, retirar do sujeito a capacidade de escolher em quais atividades vai se engajar e como vai se engajar, implica necessariamente em dizer que a sociedade é uma 'marionete do destino' ou 'gado', incapaz de refletir sobre sua própria existência, fato que não acredito ser verdadeiro.

Os relatos ao longo deste texto, talvez não de forma explícita em dados momentos, apontaram para movimentos dos sujeitos que indicam críticas importantes à organização social capitalista. Ao tencionar a forma de consumo, os espaços de produção de lazer, a relação estabelecida com os momentos de diversão, a representação do lazer, o desejo de mudanças, estes sujeitos estabeleceram processos de enfrentamento, reflexão e mudanças, elementos centrais da proposta marxista de superação do modo de produção capitalista e das relações impostas por este.

Desta forma, a produção de cerveja como prática de lazer pode ser descrita como um processo no qual os sujeitos podem se libertar de uma rotina massacrante que, muitas vezes, não permite a estes mesmos sujeitos extrapolar o processo criativo, mantendo-os alienados de si mesmos e de sua práxis.

## REFERÊNCIAS

ABRITTA, Renata. Expansão: uma cervejaria a cada dois dias. **Jornal O Tempo** [online]. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/pampulha/expansao-uma-cervejaria-a-cada-dois-dias-1.2130854>>. Acesso em 04 nov. 2019.

AOTA. Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process. 3rd Edition. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.68, sup.1, p. S1-S48, mar./apr., 2014.

BAPTISTA, Maria Manuel Ócio, temporalidade e existência: uma leitura à luz da fenomenologia e hermenêutica heideggerianas. In: BAPTISTA, Maria Manuel, VENTURA, Anne (orgs.). **Do ócio debates no contexto cultural contemporâneo**. Coimbra, Portugal: Grácio Editor, 2014. 190p.

CARVALHO, Liliâne Afonso Pereira de; STORI, Norberto; MOSANER Jr Eduardo. Brinquedo popular brasileiro da brincadeira para os museus. **Revista Digital Arte**. São Paulo, n.15, p. 1-14, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-15/11.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

DI STEFANO, Antonio. Slow Food, slow communication... slow capitalism. Pratiche di resistenza e colonizzazione dell'alterità. **Sociologia e Ricerca Sociale**. Roma, Italia, n.103, p.145-165, 2014. Disponível em: <<http://web.a-ebscohost.com.ez27.periodicos.capes.gov.br/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=1&sid=1edfddc8-5d9b-4593-822f-9d6fc8361c25%40sessionmgr4008>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

HAGEDORN, Rosemary. **Ferramentas para a prática em Terapia Ocupacional**. São Paulo: Roca, 2007. 477p.

GIORGI, V.V. "Cultos em cerveja": discursos sobre a cerveja artesanal no Brasil. **Soc. e Cult.**, Goiânia v.18 n.1, p. 101-111, 2015. Disponível em:<file:///C:/Users/arp.tomasi/Downloads/40607-Texto%20do%20artigo-170632-1-10-20160406.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2018.

KIELHOFNER, Gary. **Fundamentos conceptuales de la Terapia Ocupacional**. Buenos Aires: Editorial Medica Panamericana, 2006. 304p.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013. 894 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p.

MORRISON, Rodolfo; GÓMEZ, Silvia; HENNY, Enrique; TAPIA, María Jesús; RUEDA, Laura. Principal approaches to understanding occupation and occupational science found in the Chilean Journal of Occupational Therapy (2001-2012). **Occupational Therapy International**, v. 2017, p. 11, 2017.

OLIVEIRA, Daniel Coelho de. O Slow Food e a nova dimensão da modernidade. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.39, set./dez, p.216-234, 2013.

OLIVEIRA, Nilce de; FREITAS, Maria do Carmo Soares de. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura** [online]. Salvador, EDUFBA, 2008, 422p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/9q/pdf/freitas-9788523209148-14.pdf>>. Acesso em 05 set. 2017.

SLOW FOOD. **Movimento Slow Food**. 2007. Disponível em:<<http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/o-movimento>>. Acesso em: 13 set.2017.

SIMONETTI, Luca; PETRINI, Carlo. The ideology of Slow Food. **Journal of European Studies**, v. 42 n.2, p. 168-189, 2012.

TOMASI, Alessandro Rodrigo Pedroso. **Da panela ao copo: a produção de cerveja caseira como prática de lazer**. 2018. 190f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

TOMASI, Alessandro Rodrigo Pedroso; FORTES, Rafael. O produtor de cerveja caseira em Belo Horizonte: características do grupo e interfaces com os Estudos do Lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.22, n.3, p. 34-63, 2019. Disponível em:<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/15265>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 454 p.

### Endereço para correspondência

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais. sl. 3119. Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha, Pampulha, BH - MG. CEP 31270-901.



**Recebido em:**

25/11/2019

**Aprovado em:**

27/03/2020